

UNIVERSIDADE, ESCOLA E INTERAÇÃO: AS CONTRIBUIÇÕES DO PIBID PARA AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Diene Kelly Oliveira Pereira¹ (AC – dienekelly2019@gmail.com)*, Edilane Soares da Silva¹ (AC),
Isabel Medrado dos Santos¹ (AC), Bruna Moreira Ferreira¹ (AC), Anderson Braga do Carmo¹ (PO).

¹Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Sudoeste – Sede Quirinópolis. Avenida Brasil, nº 435,
Conjunto Hélio Leão, CEP: 75860-000, Quirinópolis, Goiás.

Resumo: O objetivo deste estudo é o de realizar um relato de experiência sobre o ensino do gênero discursivo conto nas aulas de língua portuguesa, a partir do desenvolvimento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, o Pibid, em uma escola pública da cidade de Quirinópolis, em Goiás. Ao estabelecermos o princípio da interação dialógica (QUIMELLI, 2016) como fundamental para o desenvolvimento do trabalho realizado, esperamos mostrar que a relação entre teoria e prática e a construção do conhecimento constituem-se de forma vertical e equânime entre os participantes do processo de ensino e aprendizagem: os bolsistas, que se constituem enquanto professores em formação, e os estudantes do ensino fundamental. Para tanto, sob a perspectiva da Linguística Aplicada, estabelecemos o nosso estudo a partir dos pressupostos de Quimelli (2016), Moita Lopes (2006), Bakhtin (2011) e Gallo (1992). Ao final do percurso realizado, verificamos que a prática de produção escrita se estabeleceu como uma ação significativa para o desenvolvimento da assunção da autoria e para apreendermos as subjetividades dos discentes-escritores, mostrando-nos que a linguagem é uma atividade social e que deve ser estabelecida de forma interativa e constante na escola. Logo, o Pibid, enquanto programa articulador entre a universidade e a escola, tem cumprido o papel de problematizar o ensino de língua portuguesa em uma abordagem histórica, social e dialógica, refletindo sobre as concepções de língua/linguagem, os objetivos de ensino, os procedimentos e as avaliações observadas nas escolas-campo e os resultados obtidos com as atividades interventivas realizadas. Portanto, a interação dialógica entre universidade e escola integram-se na construção de um conhecimento cujos participantes aprendem em conjunto, pois este saber encontra-se sempre em movimento, em processo e nunca completo.

Palavras-chave: Formação docente. Gênero discursivo conto. Produção textual. Autoria. Linguística Aplicada.

Introdução

Segundo Quimelli (2016, p.18), “a relação entre a Universidade e outros setores da sociedade deve ser marcada pelo Diálogo, com o objetivo de produção de conhecimento”. Nessa direção, a autora defende que o conhecimento da universidade não deve ser apenas estendido à sociedade, mas que a interação dialógica estabeleça condições para a produção de um novo conhecimento, com ganhos para ambas as partes, e com o propósito de uma sociedade mais democrática, ética e justa.

Desse modo, refletir sobre a relação entre universidade e escola é o foco deste estudo, tendo como base a atuação e o trabalho desenvolvido pelos bolsistas do subprojeto interdisciplinar de língua portuguesa e de língua inglesa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, o Pibid. Em vigência desde junho de 2023 na cidade de Quirinópolis, em Goiás, o Pibid envolve estes dois agentes, tendo

como representantes da universidade os discentes do segundo e do quarto períodos do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás, que são orientados por um professor da instituição, e por parte da escola estão os estudantes do oitavo e nono anos do ensino fundamental, os quais participam das ações do programa acompanhados por duas professoras da escola, que na qualidade de supervisoras auxiliam tanto os bolsistas, quanto os discentes do ensino básico.

Nessa linha, a nossa reflexão teve como fato de análise o trabalho realizado com a produção escrita envolvendo o gênero discursivo conto. Esta iniciativa, com caráter interventivo, foi realizada entre os meses de setembro e outubro de 2023, e partiu tanto da necessidade de atender as exigências curriculares direcionadas aos anos finais do ensino fundamental, quanto da percepção, dos docentes em iniciação, da dificuldade por parte dos estudantes em produzirem textos de ordem literária, bem como pouca motivação para realizarem a leitura destes.

Assim, a partir do desenvolvimento de uma sequência didática envolvendo o gênero citado, buscou-se fazer os alunos do ensino básico: a) compreenderem os elementos constituintes de uma narrativa; b) identificarem os elementos característicos do gênero conto; e c) produzirem textos que estimulassem a criatividade e a assunção da autoria. A partir destes objetivos, a iniciativa visava estimular nos estudantes, além das competências elencadas, o desenvolvimento do hábito da leitura de textos literários.

Então, a partir dos pressupostos de Bakhtin (2011), Moita Lopes (2006) e Gallo (1992), iniciamos o nosso trabalho na escola, tendo como base teórica a Linguística Aplicada, por se tratar de uma perspectiva interdisciplinar e que nos possibilita coadunar conhecimentos tanto da área dos estudos da linguagem, quanto da formação de professores, com as necessidades advindas da prática na escola.

Visto isso, o relato de experiência em tela apresenta metodologicamente caráter qualitativo e será realizado com o propósito de elucidar como a interação dialógica (QUIMELLI, 2016) foi um elemento significativo para os resultados alcançados.

Considerações Metodológicas

Segundo Moita Lopes (2006), dentro do âmbito da Linguística Aplicada (LA), o conhecimento deve ser responsivo à vida social, logo, selecionamos esta área de saber para sustentar o trabalho realizado por tratar-se de um campo de estudos que promove o diálogo com o mundo contemporâneo, o qual compreende o sujeito social como heterogêneo, fragmentado e fluido, bem como explode a relação entre teoria e prática para a produção do conhecimento.

Desta maneira, entendemos que não é possível teorizar sem considerar as vozes daqueles que vivem as práticas sociais no âmbito da escrita e da leitura. Visto isso, a atuação na escola mostrou-nos o seguinte questionamento: como desenvolver a competência escrita desses sujeitos que são adolescentes de uma escola pública situada no sudoeste goiano?

Em busca de uma resposta para esta questão, buscamos desenvolver as nossas ações a partir do trabalho com sequências didáticas sobre: elementos da narrativa, gênero discursivo, literatura, conto, produção de texto e escrita criativa, tendo como temáticas a questão da identidade goiana, do regionalismo e assuntos diversos presentes no cotidiano dos adolescentes.

Então, para produção das sequências didáticas consideramos temas e atividades que fizessem o sujeito sentir-se, primeiramente, ocupante do lugar social de escritor e não de aluno, para que houvesse uma compreensão de que o exercício da escrita e o da produção de contos não são restritos à esfera discursiva da escola, mas pertencentes a um contexto social mais amplo.

Nessa direção, entendemos que a Linguística Aplicada não busca aplicar uma teoria a um dado contexto, mas sim solucionar problemas de forma contextualizada, e que sejam “socialmente relevantes, ligados ao uso da linguagem e ao discurso, e na elaboração de resultados pertinentes e relevantes, de conhecimento útil a participantes sociais em um contexto de aplicação” (ROJO, 2006, p.258), sendo o campo de realização desta pesquisa a escola.

Assim, partindo-se da ideia de que o conto é um gênero do discurso tal como estabelece Bakhtin (2016), entendemos que a linguagem é de natureza dialógica, e que emerge da diversidade de vozes que a constitui enquanto prática social. Logo, os gêneros discursivos refletem a diversidade das interações humanas, moldando e sendo moldados por diferentes perspectivas.

Outra teórica fundamental para a nossa pesquisa foi Solange Gallo (1992), para quem a relação entre oralidade e escrita desempenha papéis cruciais no ambiente escolar, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades críticas dos alunos. Ao apresentar uma diferença entre o discurso da oralidade e o discurso da escrita, Gallo explica sobre a necessidade de ofertar aos discentes as condições necessárias para uma escrita que não seja validada apenas pelo aspecto institucional ou formal, mas que seja significativa e que ultrapasse os muros da escola.

Dessa maneira, entendemos que ensinar e aprender são processos interativos, nos quais quem ensina também aprende, o que valoriza todos os envolvidos no processo, os sujeitos da universidade e os da escola, e os reconhece como agentes de mútua transformação.

Resultados e Discussão

Primeiramente, observamos que o grande desafio em sala era o de motivar os discentes da escola a participarem das discussões e das atividades propostas, nos elucidando o que já conheciam sobre a temática a ser trabalhada, o gênero conto. Então, a partir da proposta de constituirmos ao final do processo um livro de contos, iniciamos a nossa atuação apresentando-lhes textos narrativos diversos, e discutindo com eles sobre os elementos da narrativa: personagem, enredo, narrador, tempo e espaço.

Após esta apreensão geral, que levou um total de duas semanas de aplicação, começamos a produção escrita do conto, sugerindo aos estudantes a criação de um personagem. Assim, a partir da caracterização do personagem, cada aluno desenvolveu uma narrativa, a qual foi recolhida e corrigida pelos professores.

Identificados os problemas de escrita e as dificuldades de apreensão do gênero proposto, foi sugerido um trabalho de reescrita, no qual os professores sinalizaram quais aspectos poderiam ser melhorados no texto. Então, ao final de seis semanas de atuação nos nonos e oitavos anos os contos ficaram prontos.

É preciso destacar que a atividade de produção escrita desenvolvida revelou aos professores temáticas que sinalizavam a subjetividade dos alunos quanto aos anseios da vida moderna, e também sintomas de ansiedade, negatividade perante à vida, falta de esperança e depressão. Logo, nós pibidianos entendemos que o papel

de educador ultrapassa as barreiras do ensino da escrita e da leitura, apontando para uma mediação que apresente ao aluno também uma perspectiva de melhora de vida.

Visto isso, entendemos que ensinar é uma atividade complexa, pois se realiza com sujeitos sociais, tal como nos aponta Moita Lopes (2006), o que nos fez entender que ser mediador do conhecimento também nos leva a buscar caminhos para além dos conhecimentos de ensino e aprendizagem de língua e linguagem.

Após o trabalho de reescrita, foi possível estabelecer também duas reflexões: primeiramente, que a produção escrita, ao centrar-se na produção do conhecimento pelos participantes proporciona uma agir emancipatório (QUIMELLI, 2016); e que o estímulo à escrita e à criatividade precisa ser estabelecido a partir do reconhecimento do aluno enquanto escritor, o que condiciona o sujeito à assunção de sua autoria (GALLO, 1992).

Ao se constituir enquanto autor de um conto, os estudantes não só mostraram que compreenderam as características do gênero discursivo, como também entenderam a sua esfera de circulação, o que os motivaram a escrever mais textos dentro desta proposta.

A atividade realizada, então, promoveu a criatividade e desenvolveu o pensamento crítico nos discentes, ao passo que fez o docente em formação buscar conhecimentos de outras esferas para atender às necessidades de ensino dos alunos, os quais ultrapassaram as esferas literárias e linguísticas.

Desse modo, verificamos que a linguagem é uma prática social, visto que ao estudá-la estamos estudando a sociedade, os anseios, as dificuldades e todos os elementos da qual ela é parte constitutiva.

Considerações Finais

A partir do percurso apresentado, apreendemos que o Pibid tem cumprido o papel de problematizar o ensino de língua portuguesa em uma abordagem histórica, social e dialógica, refletindo sobre as concepções de língua/linguagem, os objetivos de ensino, os procedimentos e as avaliações observadas nas escolas-campo e os resultados obtidos com as atividades interventivas realizadas

Nessa direção, notamos que há uma relação de cooperação, na qual os representantes da universidade e da escola buscam interagir em uma relação de

equidade: de um lado, os que experienciam a prática de ser professores, e do outro os que participam das atividades programadas pelo projeto, os estudantes do ensino fundamental. Desse modo, a interação dialógica entre universidade e escola integram-se na construção de um conhecimento cujos partícipes aprendem em conjunto, pois esta construção é verticalizada e encontra-se sempre em movimento, em processo e nunca completa.

Agradecimentos

A Deus, pelas nossas vidas e por nos conduzir nas ações desenvolvidas no curso. À Capes, pela concessão da bolsa de iniciação à docência no âmbito do Pibid. Aos colegas, pela parceria. As nossas famílias, por nos incentivarem nos momentos difíceis e por compreenderem as ausências e a dedicação aos estudos. Aos professores do curso, e em especial ao Prof. Anderson Braga do Carmo, pela paciência, parceria, conhecimento partilhado e pela contribuição em nossa formação profissional, cuja bagagem levaremos para toda a vida.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In*: _____. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: WMF Martins Pontes, 2011.

GALLO, Solange Leda. **Discurso da escrita e ensino**. Campinas: Unicamp, 1992.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. *In*: _____. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p.85-107.

QUIMELLI, Gisele Alves de Sá. Interação dialógica: a voz da extensão universitária. *In*: _____.; GONÇALVES, Nadia Gaiofatto (Orgs.). **Princípios da Extensão Universitária**: contribuições para uma discussão necessária. Curitiba: CRV, 2016.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Fazer linguística aplicada em contexto sócio-histórico: privação sofrida e leveza de pensamento. *In*: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p.253-276.